Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/twcw6a09

TRÊS MÉTODOS QUALITATIVOS E UM PROPÓSITO: COMPREENDER E TRANSFORMAR

THREE QUALITATIVE METHODS AND ONE PURPOSE: UNDERSTAND AND TRANSFORM

Antonio dos Santos Motta

Licenciado em Matemática, Especialista em Finanças e Compliance, mestre em Estatística, discente do Mestrado Profissional em Administração Pública – PROFIAP, Brasil

E-mail: mottamaraba@gmail.com

Recebido: 01/10/2025 – Aceito: 09/10/2025

Resumo

O texto ilustra de forma simples as metodologias de História de Vida, História Oral e Pesquisa-Ação, destacando suas contribuições para uma pesquisa qualitativa. A História de Vida se concentra na experiência individual como um ponto de partida para compreender processos sociais mais amplos, enquanto a História Oral permite capturar memórias para relatar eventos específicos. A Pesquisa-Ação, por sua vez, visa a transformação social a partir da colaboração entre pesquisadores e participantes, por meio de uma ação. O artigo busca analisar como essas metodologias podem auxiliar em pesquisas sociais e mostra como elas podem ser escolhidas e como elas dialogam entre si, promovendo assim uma imagem ampliada e reflexiva sobre as técnicas.

Palavras-chave: história de vida; história oral; pesquisa-ação; metodologia qualitativa;

Abstract

The text explores the methodologies of Life History, Oral History and Action Research, highlighting their contributions to qualitative research. Life History focuses on individual experience as a starting point for understanding broader social processes, while Oral History allows us to capture memories to report specific events. Action Research, in turn, aims at social transformation through collaboration between researchers and participants, through an action. The article seeks to analyze how these methodologies can assist in social research and shows how they can be chosen and how they interact with each other, thus promoting a broader and more reflective image of the techniques.

Keywords: life history; oral history; action research; qualitative methodology; collaboration.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/twcw6a09

1. Introdução

As metodologias qualitativas são muito utilizadas em pesquisas que estudam processos sociais (SILVA; BARROS; NOGUEIRA; BARROS, 2007). Entre essas metodologias, evidenciam-se a História de Vida, a História Oral e a Pesquisa-Ação, que permitem um entendimento mais aprofundado das características sociais, ao proporcionar aos participantes o diálogo com o envolvimento de suas experiências particulares no processo de investigação. Esses métodos ganham destaque, pois o objetivo vai além de apresentar dados quantitativos e passa para o campo da experiência particular das pessoas, como ela interpreta os desafios da vida. Essa valorização da vivência individual e particular, podem inferir experiências mais amplas.

A História de vida é um método de pesquisa que explora as trajetórias dos indivíduos, permitindo observar uma visão específica de suas experiências ao longo da vida. Essa abordagem destaca a perspectiva individual como uma fonte valiosa de informação sobre a dinâmica social e cultural e é frequentemente utilizada para apreender a complexidade das relações humanas numa variedade de contextos (FERRAZZA; ANTONELLO, 2017).

A história oral, por outro lado, centra-se na preservação e transmissão da memória coletiva e é particularmente adequada para documentar experiências específicas que não são oficialmente registradas. O objetivo deste método é coletar depoimentos de pessoas que vivenciaram determinados acontecimentos históricos, permitindo reconstruir os fatos sob o olhar deles, como se fossem atores sociais. Portanto, é uma fonte importante para o registro de experiências (PORTELLI, 1997).

Já a pesquisa-ação é uma metodologia desenvolvida como forma de combinar a pesquisa e a prática e com isso visa transformar o pensamento dos participantes por meio de uma investigação em conjunto, realizada de forma participativa e colaborativa. Nesse caso, os investigadores atuam também como possível agente de transformação, envolvendo os participantes na identificação de problemas e posteriormente no desenvolvimento de soluções (TRIPP, 2005). Thiol-

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/twcw6a09

lent (1980) aborda que o efeito desta técnica é em grande parte uma integração entre o conhecimento e a ação, em caráter social, pedagógico, comunicativo, militante e etc.

Esses métodos ampliam a finalidade da pesquisa e permitem intervenções mais significativas na realidade social. Cada ponto de vista fornece perspectivas complementares e é essencial para a compreensão de questões sociais complexas e dinâmicas, contribuindo com mudanças significativas da sociedade.

O objetivo deste estudo é compreender como esses três métodos de investigação são dinâmicos para análises de fenômenos socioculturais, assim auxiliando o leitor a identificar qual o melhor método para a sua pesquisa. Mostrar ainda suas características na área de investigação qualitativa, pois eles aprofundam as experiências humanas, o que, desta forma, pode facilitar intervenções sociais no contexto geral de uma população.

As perspectivas centrais desse texto foram retiradas do livro Metodologias qualitativas na sociologia, da autora Teresa Maria Frota Haguete (1995).

2. Revisão da Literatura

Os métodos quantitativos caracterizam-se pela utilização de dados numéricos e estatísticos para análise de fenômenos, com o objetivo de medir e generalizar os resultados. De outra forma, tem-se as metodologias qualitativas que concentram seu estudo na investigação da experiência humana, no âmbito de entender os significados e os meios sociais de uma forma mais subjetiva e minuciosamente com um olhar diferenciado. As técnicas quantitativas especializam-se na medição das variáveis, enquanto as abordagens qualitativas enfatizam a profundidade e a riqueza da interpretação de casos subjetivos. Essa diferença, portanto, reflete a natureza exploratória e interpretativa da investigação qualitativa, que procura compreender o “onde”, “quando”, “como”, “quem” e o “porquê” dos fenômenos sociais e culturais (CRESWELL; CRESWELL, 2018; MINAYO, 2006).

Os métodos qualitativos são amplamente estudados na área das ciências sociais, pois fornecem uma visão profunda de especificações subjetivas. Entre as metodologias qualitativas discutidas neste artigo, a história de vida, a história oral

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/twcw6a09

e a pesquisa-ação oferecem abordagens específicas ao estudo da interação humana e buscam transformar a realidade do objeto de estudo. Nesta seção será discutido a base teórica desses métodos e como eles podem ser aplicados em diferentes campos de pesquisa.

2.1 História de Vida

A História de vida é uma ferramenta de pesquisa metodológica qualitativa importante no momento que coloca os indivíduos no centro da pesquisa, permitindo-lhes reservar um tempo para contar suas histórias (experiências) em diálogo com os pesquisadores. Esse procedimento permite a reconstrução de suas histórias, por meio de suas trajetórias de vida, e fornece uma visão detalhada do que ele viveu, os desafios, mudanças e influências socioculturais que afetaram sua forma de viver. Ao dar voz ao indivíduo, a história de vida não apenas registra os fatos, mas por meio de percepções e interpretações mais apuradas, detém informações relevantes do que está sendo relatado, assim, enriquecendo a análise com um aspecto mais subjetivo (HAGUETTE, 1995).

Esse método enriquece profundamente a compreensão das experiências contadas pelo sujeito da história, especialmente ao capturar a complexidade dos fenômenos sociais que impactam diretamente o seu desenvolvimento, tais como podemos exemplificar, casos de processos de exclusão social e marginalização. Ao resgatar memórias e experiências individuais, as histórias de vida revelam como as estruturas sociais e as situações do cotidiano moldam a vida das pessoas, contribuindo para a compreensão de fenômenos sociais mais amplos, ou seja, amplia a visão do expectador. Com esse entendimento, verifica-se que esta técnica nos permite examinar que fatores externos, como classe social, cultura, gênero, raça e até contexto econômico podem influenciar tomada de decisões e o desenvolvimento de cada pessoa.

Nesse sentido, do livro de Haguette (1995), extraímos:

> Por trás destas contribuições específicas que a história de vida é capaz de fornecer, jaz uma outra que é fundamental: ela pode, mais do que qualquer técnica, exceto talvez a observação participante, dar sentido à noção de “processo”. Apesar dos sociólogos frequentemente se utilizarem deste

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/twcw6a09

> conceito, raramente usam os métodos necessários para captar o "processo em movimento" de que tanto falam. *Este "processo em movimento" é observável, mas não facilmente. Ele requer uma compreensão íntima da vida dos outros, assim como uma técnica, como a história de vida, que nos fornece uma riqueza de detalhes sobre referido processo, cujo caráter só seríamos capazes de especular na ausência de uma técnica adequada. Para a sociologia, é fundamental que as questões sobre determinados problemas sociais, como delinquência, crime, droga, prostituição (e, se pudéssemos, introduziríamos a corrupção, o roubo e outros), sejam levantadas do ponto de vista do delinquente, do criminoso, do corrupto ou do ladrão, para que, assim, conheçamos suas táticas, suas suposições, seu mundo e os constrangimentos e as pressões aos quais estão sujeitos* (HAGUETTE, 1995, p. 82).

Portanto, a história de vida fornece uma oportunidade para que as novas vozes sejam ouvidas e torna-se uma ferramenta de resistência, registrando um marco na história. Por isso, tal método é também utilizado em pesquisas destinadas a documentar as experiências de comunidades consideradas excluídas, como povos indígenas, povos tradicionais, imigrantes e etc (HAGUETTE, 1995). No seu conjunto, estas histórias individuais revelam a resiliência e a adaptabilidade de grupos sociais que muitas vezes enfrentam graves adversidades.

Segundo Haguette (1995), a história de vida surge como uma importante metodologia no início do século XX, particularmente no campo da sociologia. Seu desenvolvimento está intimamente relacionado ao interacionismo simbólico[1] e à Escola de Chicago, que buscou compreender como os indivíduos atribuem significado às suas experiências pessoais e sociais.

Os sociólogos Thomas e Znaniecki foram os pioneiros nesta metodologia com seu estudo clássico "Camponeses Poloneses na Europa e na América (1918-1920)". Desta maneira, o estudo analisou e documentou a vida dos agricultores que migraram para os Estados Unidos, e por meio de relatos biográficos revelou processos sociais complexos, tais como os efeitos da mudança cultural na adaptação dos indivíduos nas novas situações sociais (HAGUETTE, 1995). Houve uma visão mais aprofundada das interações dos agricultores com o novo meio social inserido, permitindo aos pesquisadores capturarem aspectos subjetivos da experiência dos imigrantes.

De uma forma mais ampliada, ao compreender as trajetórias de vida das

[1] Uma abordagem sociológica que analisa como os indivíduos interpretam os objetos e as pessoas com as quais interagem, e como isso influencia seu comportamento. (HAGUETTE, 1995)

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/twcw6a09

pessoas, os pesquisadores podem construir uma base sólida para políticas públicas e programas sociais que atendam às necessidades das populações específicas. Por exemplo, no caso da investigação do Estudo de Thomas e Zaniecki, que utiliza a história de vida no contexto da migração e que acabou destacando as dificuldades que os imigrantes enfrentaram em sua nova vivência, isso pode ajudar a desenvolver políticas públicas de migração mais justas e mais inclusivas. Da mesma forma, por exemplo, falar das histórias de vida de mulheres vulneráveis, que pode auxiliar a compreender melhor os desafios que enfrentam e a impulsionar programas de apoio mais eficazes, como foi o caso da Lei Maria da Penha, promulgada em agosto de 2006.

Importante destacar que a análise de diferentes histórias de vida revela padrões e tendências sociais, afunilando para um conceito mais objetivo, permitindo aos investigadores identificarem mudanças culturais e estruturais que afetam populações inteiras. Portanto, criando um padrão de normalidade, quem sabe dentro dos padrões estatísticos de uma distribuição gaussiana[2].

Um outro exemplo a citar, é o caso da Nathalia Arcuri, cuja história de vida influencia a alfabetização financeira de muitas pessoas. Começou a carreira como jornalista, mas ganhou destaque ao fundar o canal do youtube “Me Poupe!”, que tem como objetivo ensinar educação financeira de forma fácil e divertida de entender. Ela teve muitas experiências pessoais, depois de economizar dinheiro desde muito jovem e se aposentar aos 30 anos de idade e com isso começou a compartilhar seu conhecimento financeiro com o público (ARCURI, 2018). Sua jornada pessoal, que foi marcada pela disciplina e busca pela independência financeira, inspira milhões de pessoas a assumir o controle de seu dinheiro e a buscar a tão sonhada liberdade financeira. Agora, o impacto da sua vivência vai além das finanças pessoais, influenciando a mudança de comportamento e promovendo a educação financeira.

Em resumo, a história de vida proporciona uma forma particular de explorar a complexidade da experiência humana. Ao focar nas narrativas pessoais, ela re-

[2] É uma das distribuições de probabilidade mais importantes e usadas na estatística e na teoria das probabilidades, que explica a o comportamento de diversos fenômenos e processos. (Morettin, 2010)

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/twcw6a09

vela os processos pelos quais os indivíduos constroem suas identidades e interpretam suas trajetórias, proporcionando uma visão ampla sobre a vida social. Desta forma, a história de vida é uma ferramenta para compreender os fenômenos sociais mais amplos.

Essa metodologia, quando combinada com outros métodos qualitativos, como a história oral e a pesquisa-ação, pode proporcionar uma compreensão abrangente dos fenômenos sociais, ao mesmo tempo que promove a transformação prática da realidade em estudo.

2.2 História Oral: preservação de memórias e construção de narrativas

A história oral é "tão antiga quanto a própria história", destacando que, inicialmente, era a principal forma de preservação do conhecimento antes da invenção da escrita. O relato oral, portanto, antecede os registros escritos e serviu por séculos como o meio primário para a transmissão de saberes e eventos históricos. Com o tempo, a história oral passou a ser integrada às ciências sociais, destacando-se pela capacidade de capturar aspectos subjetivos das experiências humanas, como emoções e valores, que normalmente não se manifestam em dados quantitativos (GONÇALVES; LISBOA, 2007)

A história oral é uma metodologia qualitativa frequentemente utilizada no campo das ciências sociais, cujo objetivo é registrar, conservar e analisar memórias e histórias específicas de determinado acontecimento que de outra forma poderiam ser esquecidas. De forma particular, a história oral privilegia os relatos únicos dos acontecimentos, permitindo que as falas sejam registradas e preservadas para as vidas futuras (HAGUETTE, 1995, p. 65). A pesquisa qualitativa é valorizada nas ciências sociais por unir a reflexão teórica e a materialidade das condições sociais (GONÇALVES; LISBOA, 2007).

A História Oral é mais do que simplesmente a gravação de depoimentos; ela é uma técnica que possibilita o registro de experiências que muitas vezes escapam às formas tradicionais de documentação. Como Haguette (1995) aponta, a história oral é "apta a fornecer subsídios dentro dos limites da dimensão contemporânea, uma vez que se baseia em depoimentos gravados de atores sociais que

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/twcw6a09

recorrem à sua experiência e memória para recompor fatos ocorridos no âmbito de sua temporalidade". Isso significa que a metodologia oferece uma janela importante para compreender o modo como os indivíduos e grupos reinterpretam suas experiências à luz de suas situações presentes. (HAGUETTE, 1995, p. 65).

Com efeito, isso demonstra a aptidão dessa técnica em registrar as interpretações e emoções dos indivíduos em relação aos fatos ora estudados, permitindo uma compreensão mais aprofundada do processo histórico dos acontecimentos. Essa técnica é útil para capturar aspectos da memória e da cultura que não estão formalmente documentadas. Por exemplo, o uso da memória oral nas comunidades negras rurais é uma prática que visa compreender a história e a cultura desses grupos por meio de depoimentos, revelando aspectos formativos e socioculturais que não se encontram em documentos escritos (ARAUJO, 1995).

Desta forma, ao registrar a fala de um entrevistado é possível preservar não apenas os fatos, mas também caráter pessoais, tais como o sotaque, a entonação da voz e a emoção. É uma metodologia intimamente relacionada com a ideia de permitir que os detalhes dos fatos sejam incluídos nos registros e estudos históricos, por essa razão foram muito utilizadas em estudos de comunidades tradicionais. A memória não é apenas uma gravação individual, mas uma construção coletiva que reflete o contexto social e histórico de um grupo (ROUSSO, 1996).

Um exemplo concreto de relatos orais no Brasil são os testemunhos diversos de um dos acontecimentos mais trágicos ocorridos na cidade de São Paulo em 1º de fevereiro de 1974: o incêndio do Edifício Joelma. O prédio foi destruído por um incêndio, matando 189 pessoas e ferindo 345 (GLOBO, 2023). Imagens de sobreviventes e testemunhas relembrando o episódio podem ser vistas em várias plataformas, incluindo o YouTube, com testemunhos chocantes contando a sua luta pela sobrevivência e memórias marcantes daquele dia.

Um dos sobreviventes descreve detalhadamente o caos causado pelo incêndio e como as pessoas ficaram aterrorizadas e tentavam fazer de tudo para sobreviver. Segundo ele, “No nosso andar tinha um banheiro eu e mais três pessoas entraram, fechamos a porta e fizemos uma mini piscina com profundidade de mais ou menos um palmo de água, percebi que o fogo se aproximava da porta, e ele iria queimá-la, pois o banheiro era pequeno, no banheiro tinha uma jane-

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/twcw6a09

la, minha única alternativa era pular e alcançar a laje de cima" (RELATOS TERRÍVEL DO INCÊNCIO DO EDÍFICIO JOELMA, 2023). Esse tipo de narrativa oral é importante porque preserva não apenas os fatos do acontecimento, mas também as emoções e percepções de quem presenciou a tragédia.

Assim, essa metodologia preserva símbolos históricos. A linguagem que expressa diretamente a experiência humana acrescenta camadas de significado aos relatos, permitindo aos pesquisadores capturarem detalhes que podem ser perdidos pela simples transcrição dos fatos (GONÇALVES; LISBOA, 2007, p. 83). Por esta razão, é muito explorada também em estudos de memórias coletivas.

A história oral é, portanto, uma ferramenta essencial para preservar memórias que são frequentemente ignoradas na documentação da histórica tradicional. Essa metodologia permite que suas histórias sejam registradas, preservadas e estudadas pelas gerações futuras, enriquecendo nossa compreensão dos processos históricos e sociais. (GONÇALVES; LISBOA, 2007, p. 83).

Mais do que um método de coleta de dados, a história oral é um meio de inclusão que valoriza a experiência individual e coletiva e a coloca no centro da análise social. No Brasil, a memória oral é amplamente utilizada em estudos de comunidades, sendo uma ferramenta comum em pesquisas sociológicas, antropológicas, históricas e em diversas outras áreas das ciências humanas. Esse recurso permite investigar e compreender com maior profundidade o processo de formação de identidade, a trajetória histórica, a cultural e as mitos características (ARAUJO, 1995). Por meio da história oral, essas vozes podem ser ouvidas e integradas na construção de uma narrativa histórica mais inclusiva e pluralista.

Como observa Haguette (1995, p. 82), "a tradição oral nos fornece detalhes ricos sobre o processo, cuja natureza só poderíamos inferir sem habilidade suficiente". A história oral se diferencia de outras metodologias por seu foco na subjetividade e na memória, transformando o diálogo e as lembranças dos entrevistados em fontes fundamentais de pesquisa (PORTELLI, 1997).

A história oral é, portanto, uma metodologia essencial para a pesquisa em ciências históricas e sociais, facilitada pelo uso de tecnologia moderna que amplia seu alcance e acessibilidade.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/twcw6a09

2.3 Pesquisa-Ação

A Pesquisa-Ação é uma metodologia que se diferencia das demais pelo seu compromisso com a mudança na pesquisa e sua aplicabilidade. Ao contrário das abordagens exclusivamente descritivas, essa metodologia envolve os participantes no processo de pesquisa, identificando problemas e encontrando soluções práticas. Sua característica principal é a natureza colaborativa, na qual pesquisadores e participantes trabalham em conjunto para transformar a realidade científica (HAGUETTE, 1995).

A pesquisa-ação é descrita como uma abordagem que ultrapassa a simples coleta de dados, ao envolver uma participação ativa dos envolvidos que, em conjunto, buscam compreender e agir sobre a realidade investigada. A metodologia propõe uma relação interativa entre pesquisadores e participantes, onde o conhecimento é construído de forma colaborativa e pode resultar em transformações significativas (THIOLLENT; OLIVEIRA, 2016, p. 357-362).

De acordo com Tripp (2005), a pesquisa-ação é uma metodologia que pode ser aplicada em múltiplos campos de conhecimento devido à sua flexibilidade e abordagem na transformação prática dos contextos em que é utilizada. Esse método permite que os participantes se envolvam ativamente na identificação e solução de problemas, fornecendo uma ponte entre a teoria e a prática, com ênfase na melhoria contínua das atividades desenvolvidas em cada área. A seguir, estão as áreas principais de aplicabilidade, citadas pelo referido autor em sua obra:

- **Educação:** empregada para o desenvolvimento de professores e aperfeiçoamento das práticas pedagógicas, evolui a um ensino e aprendizagem na prática.
- **Administração:** usada em contextos administrativos, ela busca a melhoria de processos e práticas de gestão.
- **Desenvolvimento Comunitário:** utilizado para resolver problemas locais e fortalecer a participação social, incentivando o desenvolvimento social e a relação entre a comunidade.
- **Mudança Organizacional:** aplicada para implementar mudanças estrutu-

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/twcw6a09

rais e culturais dentro das organizações, promovendo práticas mais adaptativas e inovadoras.

- **Política e Empoderamento Social:** incorporada com objetivos de conscientização e empoderamento social, especialmente a partir da década de 1970, a pesquisa-ação contribui para a transformação de políticas públicas e a promoção da equidade social.
- **Agricultura e Desenvolvimento Rural:** utilizado no contexto de desenvolvimento rural e práticas agrícolas sustentáveis, é uma metodologia adaptada às necessidades locais visando a sustentabilidade.
- **Negócios Bancários:** aplicado em práticas bancárias e financeiras para melhorar as operações e promover uma gestão mais eficiente.
- **Saúde:** empregada para desenvolver práticas de cuidado centradas no paciente, evoluindo à melhoria do atendimento e da interação entre profissionais e pacientes.
- **Tecnologia:** aplicada na geração e implementação de novas tecnologias, para solucionar problemas específicos de desenvolvimento.

Para aprofundar a compreensão da pesquisa-ação, sugere-se a análise de seus elementos constitutivos, destacando três aspectos essenciais: a pesquisa, compreendida como um processo reflexivo voltado ao estudo crítico da realidade; a ação, que representa uma forma de intervenção, orientando o estudo para o propósito de transformação e efetivamente, simultaneamente, como fonte de conhecimento; e a participação, que envolve pesquisadores e participantes como sujeitos ativos do processo, contribuindo para a compreensão e transformação do contexto no qual estão inseridos (Ander Egg, 1990).

Com essas compreensões, observa-se que a pesquisa-ação se propõe a eliminar a separação entre os pesquisadores e os participantes, promovendo um ambiente onde ambos trabalhem em pé de igualdade. Esse processo colaborativo é essencial para que o conhecimento seja democratizado e acessível, permitindo que os envolvidos se apropriem do saber e o utilizem para transformações práticas em sua realidade social. Essa metodologia busca o incentivo à criatividade e a capacidade organizativa dos participantes, estruturando grupos que se

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/twcw6a09

tornem protagonistas de sua própria transformação. (Baldissera, 2001).

O método valoriza, então, a utilização de técnicas de coleta de dados que fomentem a ação coletiva e a programação de ações em grupo. Essas ferramentas não possibilitam apenas uma análise aprofundada da realidade científica, mas também incentivam a criação de soluções práticas para os problemas identificados, fortalecendo o vínculo entre o conhecimento teórico e a ação prática (Baldissera, 2001).

Portanto, a pesquisa-ação destaca-se pela sua característica de integrar o conhecimento teórico com a prática social, promovendo uma intervenção na realidade que visa tanto a educação quanto a conscientização dos envolvidos. Ao unir o "conhecer" e o "agir" em um processo dialético, a pesquisa-ação permite que pesquisadores e participantes adquiram uma compreensão mais profunda e transformadora da realidade social. Assim, essa metodologia atua não apenas como um método de investigação, mas como uma ferramenta de mobilização e empoderamento coletivo, promovendo uma transformação social com base nos interesses e necessidades dos envolvidos no processo (Baldissera, 2001).

2.4 Comparação entre as Metodologias

A história de vida, a história oral e a pesquisa-ação diferem em foco e abordagem, mas todas visam capturar a subjetividade e a complexidade da experiência humana, num sentido amplo de ciência social. A história de vida proporciona uma perspectiva pessoal e extensa, a história oral aborda a captação mais de memórias coletivas e experiências partilhadas, enquanto a pesquisa-ação facilita a intervenção direta em situações específicas.

Juntos, esses métodos proporcionam uma abordagem abrangente da investigação social, combinando a análise de histórias pessoais com ferramentas práticas para a mudança social. A integração desses métodos pode ser útil para pesquisas destinadas a compreender os processos históricos e sociais e a promover mudanças concretas. Por exemplo, a investigação sobre comunidades marginalizadas pode beneficiar da combinação da história de vida e da história oral para captar tanto a experiência individual como a memória coletiva, e a pesquisa-ação seria uma solução para a demanda em estudo.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/twcw6a09

Um exemplo concreto do uso conjunto dessas metodologias pode ser observado nas escutas sociais realizadas pelo Ministério Público em sua função constitucional. Nesses espaços, a autoridade ministerial não apenas recolhe depoimentos ou relatos, mas busca compreender em profundidade as vivências relatadas pela comunidade ou até mesmo por um indivíduo em situação de vulnerabilidade. A partir desse processo, as narrativas são transformadas em diagnósticos institucionais e, em seguida, em ações concretas, como recomendações, termos de ajustamento de conduta ou projetos coletivos (pesquisa-ação). Esse movimento caracteriza-se como uma forma de pesquisa-ação, na medida em que a experiência subjetiva é tomada como base para intervenções sociais efetivas, permitindo que a escuta se converta em instrumento de transformação da realidade investigada.

3. Metodologia

Esta pesquisa foi realizada por meio de levantamento bibliográfico e documental, com base em autores clássicos e contemporâneos da área (HAGUETTE, 1995; PORTELLI, 1997; THIOLLENT, 1980; CRESWELL; CRESWELL, 2018; MINAYO, 2006; DALFOVO; LANA; SILVEIRA, 2008). Trata-se de uma investigação de natureza básica, voltada à simplificar o conhecimento teórico sobre as metodologias, com objetivos exploratórios, por buscar proporcionar maior familiaridade com as abordagens estudadas e também descritiva, na medida em que sistematiza e expõe as principais características de cada método, e de abordagem qualitativa, pois privilegia a compreensão interpretativa das experiências humanas, voltada à análise conceitual das metodologias de História de Vida, História Oral e Pesquisa-Ação, ilustradas com exemplos contemporâneos. .

4. Resultados e Discussão

A análise realizada mostra que a História de Vida, a História Oral e a Pesquisa-Ação funcionam como diferentes “funções” dentro de um mesmo sistema investigativo. Cada metodologia tem um ponto de incidência distinto: a História de

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/twcw6a09

Vida concentra-se no indivíduo, como se fosse um ponto singular em um gráfico; a História Oral amplia o olhar para o conjunto, aproximando-se de uma média coletiva; e a Pesquisa-Ação adiciona a variável da intervenção, deslocando a curva em direção a novos equilíbrios sociais.

Observa-se que, tal como ocorre em distribuições estatísticas, a reunião de múltiplas experiências individuais tende a gerar padrões, ainda que permeados por variações. Nesse sentido, as três metodologias podem ser vistas como diferentes formas de “plotar” os dados sociais: uma enfatizando a curva do indivíduo, outra delineando a densidade das memórias compartilhadas e a terceira introduzindo vetores de mudança que alteram a forma da distribuição.

Essa leitura matemática-metafórica sugere que a combinação das três abordagens produz um modelo mais robusto de análise social, no qual pontos singulares, médias coletivas e forças de transformação interagem dinamicamente. Assim, os resultados apontam que a complementaridade metodológica não apenas descreve a realidade social, mas também projeta novas curvas de possibilidades para a intervenção e a mudança.

Essas ferramentas quando trabalhadas em conjunto dão uma visão ampla da realidade social. Cada uma tem uma função indispensável, quando unidas, oferecem um panorama mais profundo, conforme a comparação a seguir:

Metodologia	Foco Principal	Contribuição coletiva	Visão prática
História de Vida	A experiência do indivíduo (o "eu").	Traz a profundidade e o detalhe da trajetória pessoal.	É o zoom da Câmera: foca em uma pessoa para entender a vida dela.
História Oral	A memória coletiva sobre um evento (o "nós").	Traz a perspectiva compartilhada e o contexto histórico.	É a lente Grande-Angular: capta as memórias de um grupo sobre um fato.
Pesquisa-Ação	A intervenção e a transformação (o "fazer").	Traz a mudança prática, buscando soluções para problemas reais.	É o motor da Transformação: Não apenas estuda, mas age para melhorar a realidade.

Ao olharmos para a sociedade, percebemos que não basta apenas descrever o que está acontecendo; é imperioso entender o porquê e, mais importante, como mudar.

Na História de Vida essa visão individual é crucial porque toda grande mu-

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/twcw6a09

dança social começa com a experiência de uma pessoa. Na História Oral percebe-se que as dificuldades e as vitórias não são exclusividade de uma pessoa, mas sim padrões sociais. É o momento de identificar as semelhanças, as repetições e o que a sociedade em geral guarda daquele momento. Com por exemplo o caso do edifício Joelma, em que padrões de segurança foram modificados no país. Na pesquisa-Ação utiliza-se o conhecimento gerado em outras metodologias para planejar e executar uma mudança prática, como criar uma nova política pública, melhorar um processo ou desenvolver uma solução comunitária. É o método que move a agulha da teoria para a prática transformadora.

Assim, o entrelaço dessas metodologias cria um ciclo poderoso: aprofunda-se a compreensão individual, valida-se essa compreensão em um contexto coletivo e, por fim, a transformação por meio da ação.

5. Conclusão

As abordagens qualitativas apresentadas desempenham um papel fundamental na investigação de características sociais, sobretudo quando aplicadas de forma interligadas. Cada uma delas possibilita maneiras distintas de captar e interpretar vivências de indivíduos, comunidades e grupos sociais, proporcionando uma análise subjetiva e mais ampla do que aquela centrada apenas em números e estatísticas.

Por outro lado, é indispensável combinar tais práticas com instrumentos de natureza quantitativa, pois essa integração contribui para organizar informações e sustentar decisões fundamentadas, uma vez que pode existir uma forte relação entre os métodos quantitativos e qualitativos. A reunião de múltiplas vivências sociais revela não apenas singularidades, mas também regularidades coletivas e quando analisadas em conjunto, essas trajetórias permitem identificar tendências sociais que, em certa medida, podem possuir um padrão de normalidade comparável à lógica estatística da curva gaussiana[3].

[3] É uma das distribuições de probabilidade mais importantes e usadas na estatística e na teoria das probabilidades, que explica a o comportamento de diversos fenômenos e processos. (Morettin, 2010)

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/twcw6a09

No desenvolvimento deste texto, foi mostrado como esses métodos são aplicados na prática da pesquisa social e foi destacado suas concepções voltadas para a estrutura social do ambiente que os indivíduos estão inseridos. Apesar dos diferentes usos e objetivos, esses métodos colocam os sujeitos da investigação no centro do processo da pesquisa, reconhecendo o meio em que compartilha suas experiências, com isso fornecendo elementos para uma compreensão dos elementos sociais em que ele está inserido.

Portanto, por meio de uma perspectiva qualitativa, é possível acessar com profundidade a experiência humana e obter uma compreensão rica e contextual das interações sociais. Essas abordagens de pesquisas visam, não só compreender o conhecimento do caso em si, mas também torná-lo registrado na história e, assim, criar um espaço de participação ativa e favorecendo transformações sociais.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/twcw6a09

Referências

ARAUJO, FJ *Povoado de negros em Itapecuru-Mirim: Moreira.* São Luís, 1995.

ARCURI, Nathalia. Me poupe! 10 passos para nunca mais faltar dinheiro no seu bolso. 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

BALDISSERA, Adelina. Pesquisa-ação: uma metodologia do "conhecer" e do "agir" coletivo. ***Sociedade em Debate***, Pelotas, v. 2, pág. 5-25, atrás. 2001.Disponível em: https://rsd.ucpel.edu.br/rsd/article/download/570/510. Acesso em: 23 set. 2024.

CRESWELL, John W.; CRESWELL, J. David. *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches*. 5. ed. Thousand Oaks: SAGE, 2018. (Discussão comparativa entre métodos, incluindo mensuração/variáveis e generalização nos estudos quantitativos, e ênfase interpretativa nos qualitativos).

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v. 2, n. 4, p. 1-13, Sem. II, 2008. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rica/article/view/17591 . Acesso em: 28 set 2025.

EGG, Ezequiel Ander. *Repensando la Investigación-Acción Participativa*. México: **El Ateneo**, 1990. Disponível em: https://abacoenred.org/wp-content/uploads/2017/05/Repensando-la-IAP-2003-Ed.4-Ander-Egg-Ezequiel.pdf.pdf. Acesso em: 28 set 2025.

FERRAZZA, Dayane Scopel; ANTONELLO, Claudia Simone. O método de história de vida: contribuições para a compreensão de processos de aprendizagem nas organizações. ***Revista Gestão****.Org*, v. 15, n. 1, p. 22-36, 2017. DOI: https://doi.org/10.21714/1679-18272017v15n1.p22-36. Acesso em 23 out. 2024.

GLOBO. O caso do edifício Joelma. *Memória Globo*, Linha Direta Mistério, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: https ://memoriaglobo .globo .com /jornalismo /jornalismo -e -telejornais /linha -direta -misterio /noticia /o -caso -do -edificio - joelma.ghtml . Acesso em: 23 out. 2024.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. ***Revista Katálysis***, Florianópolis, v. 10, ed. especialmente, pág. 83-92, 2007. Disponível em:

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/twcw6a09

https://www.scielo.br/j/rk/a/VzGmzYXDPdxPgthrfPL4tVP/abstract/?lang=pt. Acesso em: 23 out. 2024.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas na sociologia. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora vozes,1995.

MORETTIN, Luiz Gonzaga. Estatística Básica: Probabilidade e Inferência. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 9. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2006. (Aborda a natureza da pesquisa qualitativa, significados e compreensão do social).

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. ***Projeto História***, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11233/8240. Acesso em: 29 set. 2025.

RELATOS TERRÍVEL DO INCÊNCIO DO EDÍFICIO JOELMA. YouTube, 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch ? v = e0PH5E4egUQ . Acesso em: 23 out. 2024.

ROUSSO, Henrique. A memória não é mais o que era. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. (Coord.). *Usos e abusos da história oral.* Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

THIOLLENT, Michel; OLIVEIRA, Lídia. *Participação, cooperação, colaboração na relação dos dispositivos de investigação com a esfera da ação sob a perspectiva da pesquisa-ação*. CIAIQ, 2016.

THIOLLENT, Michel. Pesquisa-ação nas ciências humanas: Metodologia de coleta de dados. São Paulo: Cortez, 1980.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. ***Educação e Pesquisa***, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQqyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 29 set. 2025.